

HELOISA HELENA OLIVEIRA CARDOSO DE PAULA



O ENSINO DE ARTES VISUAIS SOB O FOCO DA FOTOGRAFIA

ARAXÁ
2013

HELOISA HELENA OLIVEIRA CARDOSO DE PAULA

O ENSINO DE ARTES VISUAIS SOB O FOCO DA FOTOGRAFIA

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador(a): Gabriela Maria Garzon

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG

2013

Paula, Heloisa Helena Oliveira Cardoso de, 1962-

O ensino de Artes Visuais sob o foco da fotografia: Especialização em Ensino de Artes Visuais / Heloisa Helena Oliveira Cardoso de Paula. – 2013.

42 f.

Orientador(a): Gabriela Maria Garzon

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. I. Garzon, Gabriela Maria. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. Título.

CDD: 707



Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia intitulada *O ensino de Artes Visuais sob o foco da fotografia*, de autoria de Heloisa Helena Oliveira Cardoso de Paula, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Gabriela Maria Garzon - Orientadora

Natalia Martins Carneiro – Banca Examinadora

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha
Coordenador do CEEAV
PPGA – EBA – UFMG

Belo Horizonte, 2013

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Helena, pela dedicação e carinho.

Aos meus queridos filhos, Paula e Elder Filho por acreditarem em mim e estarem sempre ao meu lado.

Aos professores e tutores do curso, e em especial a minha orientadora, Gabriela, pela gentileza e profissionalismo.

"Há muitas pessoas de visão perfeita que nada veem. [...] O ato de ver não é coisa natural. Precisa ser aprendido [...] Quando os olhos estão na 'caixa de brinquedos', eles se transformam em órgãos de prazer: brincam com o que vêem, olham pelo prazer de olhar, querem fazer amor com o mundo.

Rubem Alves.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Foto da imagem de Sebastião Salgado.....	24
Figura 2 – Foto de cena do filme A Noiva Cadáver.....	25
Figura 3 – Foto dos alunos durante o filme.....	25
Figura 4 – Foto dos alunos fotografando a área verde da escola.....	26
Figura 5 – Foto dos alunos escolhendo melhores imagens fotografadas.....	26
Figura 6 – Foto da aluna Ana Luíza Resende.....	27
Figura 7 – Foto do aluno Marcel Gonçalves.....	27
Figura 8 – Foto da aluna Camila Carvalho.....	28
Figura 9 – Foto do aluno Rafael Caixeta.....	28
Figura 10 – Foto da exposição das fotografias.....	29
Figura 11 – Foto dos alunos apreciando as fotografias.....	29
Figura 12 – Foto da apreciação fotográfica.....	30
Figura 13 – Foto do painel fotográfico.....	30

RESUMO

O trabalho aqui apresentado partiu da Abordagem Triangular de Barbosa, onde o ensino de Arte deve contemplar três pontos fundamentais: "produzir, apreciar e contextualizar".

Foi proposto utilizar-se do recurso da fotografia através de aparelhos celulares.

Partiu-se da ideia de que, trabalhar com esta nova tecnologia, voltada para a produção de imagens no ensino de Artes Visuais, abre possibilidades de aprendizagem, estimula o aluno, pois faz parte do seu dia a dia.

O professor utiliza-se de um recurso simples onde o aluno passa a ser protagonista da história, podendo posicionar-se de forma crítica diante do mundo.

Palavras-chave: Abordagem Triangular. Artes Visuais. Fotografia. Aparelho Celular. Senso crítico.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1. O ENSINO DE ARTES USANDO O RECURSO DA FOTOGRAFIA.....	11
2. IMAGENS PARA LER: FOTOGRAFIA E CINEMA.....	16
2.1. Fotografia.....	17
2.2. Olhar fotográfico.....	19
2.3. Fotografia X Cinema.....	21
2.4. A Metodologia.....	24
3. POSSIBILIDADES DA FOTOGRAFIA.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS.....	40

INTRODUÇÃO

O Brasil, com tantos locais carentes, vê seu reflexo em inúmeras escolas que passam por grandes dificuldades como, violência, desinteresse e evasão escolar. Necessita-se, portanto, de novas estratégias que estimulem os alunos ao conhecimento, principalmente ao da Arte, que ainda é vista por muitos como área de “passatempo”.

A tecnologia contemporânea traz novas ferramentas que aos poucos chegam ao ambiente escolar, possibilitando mudanças educacionais. É o caso do aparelho celular, escolhido neste trabalho como recurso didático por ser de fácil acesso.

Estamos na era da Internet, onde há inúmeras trocas de informações. E neste ambiente virtual, a fotografia destaca-se. Proporcionar ao aluno uma experiência com essa vertente artística contemporânea, desperta o seu interesse, pois faz parte do seu cotidiano.

Pretende-se discutir a fotografia como estratégia de estímulo à tomada de consciência do aluno em seu ambiente social como referência cultural, pois ela pode servir de elo de integração entre a arte, a cultura, a ciência e a sociedade numa perspectiva de visão complexa e interdisciplinar.

O capítulo um traz considerações sobre o Ensino de Artes e do recurso da fotografia no ambiente escolar, focando o uso do aparelho celular.

O capítulo dois apresenta um breve histórico da fotografia, o olhar fotográfico e a relação entre a fotografia e o cinema. Henri Cartier-Bresson e de Sebastião Salgado. Análise do filme A Noiva Cadáver (Tim Burton), que trabalha muito com luz e sombra.

O terceiro capítulo trata dos resultados alcançados, relacionando o que foi percebido no capítulo um (parte teórica), com o que foi aplicado (parte prática) do segundo capítulo.

Portanto o trabalho tem como foco central a utilização de imagens fotográficas como material de apoio didático no processo de Ensino de Artes Visuais, promovendo uma prática educacional direcionada a formar cidadãos críticos, conscientes de sua importância social para a construção de um mundo melhor.

1 – O Ensino de Artes usando o recurso da fotografia

Ao longo dos anos, as escolas públicas passaram por constantes mudanças, sempre atendendo a interesses dos diversos governos aos quais estavam sujeitas. E, por assim ser, sempre houve questionamentos sobre as práticas nas aulas de arte, às vezes considerada por muitos, como algo de menor importância para a formação humana.

Nem a mera obrigatoriedade nem o reconhecimento da necessidade são suficientes para garantir a existência da Arte no currículo. Leis tão pouco garantem um ensino/aprendizagem que torne os estudantes aptos para entender a Arte ou a imagem na condição pós-moderna contemporânea. (BARBOSA, 2002, p. 14).

A fim de dar outras configurações ao processo de ensino / aprendizagem em arte, visando auxiliar o professor em seus trabalhos, reformulou-se a LDB¹, com a lei 9.394, de 1.996, quando a Educação Artística foi extinta e entrou em campo a disciplina Arte, reconhecida como área de conhecimento. Introduziu-se então, os PCNs² nas escolas que apresentam experimentações em artes visuais, teatro, dança e música. Mesmo com esta nova lei, o sistema de ensino não tem oferecido aos professores o suporte necessário para que se chegue aos objetivos propostos.

Apreciação artística e história da arte não tem lugar na escola. As únicas imagens na sala de aula são as imagens ruins dos livros didáticos, as imagens das folhas de colorir, e, no melhor dos casos, as imagens produzidas pelas próprias crianças. (BARBOSA, 2001, p. 12).

Dentre esses objetivos, destaca-se em Artes visuais:

- saber fazer trabalhos artísticos em telas informáticas, vídeos, CD-ROM, home-page, dentre outros, integrando as artes audiovisuais;
- Investigar, em suas produções de artes visuais e audiovisuais, inclusive as informatizadas, como se dão as articulações entre os componentes

¹ LDB – Lei Diretriz Básica, Art. 26. Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e § 2º O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos. (Redação dada pela Lei nº 12.287, de 2010)

² PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais tem uma função tão importante quanto à dos outros conhecimentos no processo de ensino e aprendizagem.

básicos dessas linguagens – linha, forma, cor, valor, textura, volume, espaço, superfície, movimento, tempo, dentre outras;

- Analisar as intrínsecas relações de forma e conteúdo presentes na sua própria produção em linguagem visual e audiovisual, a compreensão e conhecimento de suas estéticas.
- Fazer trabalhos artísticos, como desenhos, pinturas, gravuras, modelagens, esculturas, fotografias, reprografias, ambientes de vitrines, cenários, design, artes gráficas (folhetos, cartazes, capas de discos, encartes, logotipos, dentre outros).

(PCN – Arte, Ensino Médio, p.51)

Partindo da Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa (1996), o ensino de arte deve contemplar três pontos fundamentais: “Produzir, apreciar e contextualizar”. (PCN- Arte II, p.49)

Produzir refere-se ao fazer artístico (como expressão, construção, representação e ao conjunto de informações a ele relacionado, no âmbito do fazer do aluno e do desenvolvimento do seu percurso de criação). (...)

Apreciar refere-se ao âmbito da percepção, incluindo percepção decodificação, interpretação, fruição de arte e do universo a ela relacionado. (...)

Contextualização é situar o conhecimento do próprio artístico, dos colegas e da arte como produto social e histórico, o que desvela a existência de múltiplas culturas e subjetividades.

(PCN – Arte II, p.50)

O educando precisa conhecer, observar, analisar e compreender aquilo que está estudando em arte. E junto com o conhecimento adquirido, se ver sujeito produtor de arte.

Certo que, quando todo educando participa de atividade artística, está assimilando conhecimentos, muitas vezes sem perceber. O mais importante, porém, é constatar que a arte está presente na vida de todo ser humano até mesmo nos que se consideram inaptos para artístico. (FERREIRA, 2.008, p. 31).

Por falta de recursos na maioria das escolas da rede Estadual de ensino, tanto de materiais quanto de metodologia, a aula de arte está associada às de desenho livre e de cópias de obras de arte (trabalho manual), ou se restringindo, a fundamentação teórica (história da arte), desestimulando o interesse dos alunos. Acaba-se com isso, deixando de dar a devida importância ao processo de criação ou busca estética por um trabalho bem finalizado. “Atividades artísticas esparsas e não originárias de conceitos, de ideias artísticas e estéticas, podem concorrer

para o desaparecimento do estudo da arte propriamente dita”. (FUSARI & FERRAZ, 1999, p. 22)

Dificuldades são encontradas em todas as modalidades de ensino. Necessita-se então modificar a prática pedagógica de muitos professores conservadores. Inovações são possíveis e viáveis, desde que o professor e o aluno estejam abertos ao diálogo.

Diante da reordenação do pensamento humano, a escola com seu papel pedagógico, tecnológico e científico poderá ajudar o educando a rever e criar novos conceitos ampliando, a partir das experiências de cada um, a capacidade de compreensão da realidade que o cerca.

Educar é ajudar a compreender o mundo. É um processo de desvendamento e integração de níveis mais complexos da realidade (...) e, também, é um processo de aprender a desaprender, de deixar de lado o que não nos serve mais, o que não nos ajuda mais a evoluir. (MORAN, 1998:155).

Uma estratégia eficaz é fazer a parceria entre educação e as novas tecnologias. Estas ferramentas conseguem aproximar os conteúdos, às vezes tão distante do mundo real, a realidade do aluno.

No decorrer do século XX, a partir dos desdobramentos tecnológicos, com distintas orientações, possibilidades e significados, algumas tecnologias como a fotografia e o cinema, por se tornarem novas ferramentas de trabalho, dinamizaram a criatividade dos artistas, acelerava a realização de algumas criações e se tornavam elementos insubstituíveis na produção de obra de arte, como item pertinente na sua reflexão.

Andreas Huyssen (1997:30) é taxativo ao afirmar que:

[...] nenhum outro fator influenciou mais a emergência da nova arte de vanguarda que a tecnologia, que não só incendiou a imaginação dos artistas (com o dinamismo, o culto a beleza da técnica, as atitudes construtivistas e produtivistas), como penetrou no coração mesmo da obra. A verdadeira invasão da tecnologia na fabricação do objeto o que se poderia vagamente chamar de imaginação tecnológica podem ser

melhor entendidos através de práticas artísticas como a colagem, a montagem, e a fotomontagem, e desembocam ainda na fotografia e no filme, formas de arte que podem não só ser reproduzidas, mas que são na verdade planejadas para a reprodutibilidade técnica.

A experiência da fotografia na educação das artes visuais instiga o aluno a ter um olhar mais atento ao enquadramento, a estética e a composição, como também a ter sensibilidade para a escolha da imagem que obteve um melhor resultado de acordo com o seu objetivo. Através da experiência, o aluno poderá olhar para si mesmo e para a fotografia como forma de expressão artística, pensando qual seu lugar no mundo real, desidealizado e banal.

Por isso eu acho que a primeira função da educação é ensinar a ver, eu gostaria de sugerir que se criasse um novo tipo de professor, um professor que nada teria a ensinar, mas que se dedicasse a apontar para os assombros que crescem nos desvãos da banalidade cotidiana. (ALVES, Rubem, 2005, p.24)

Segundo ele, ver é mesmo muito complicado, precisa ser apreendido. E é através do “ver com prazer” que o olhar diante do mundo se transforma, conseguindo ir além de sua função prática.

As fotografias fornecem informações, através de código visual, possibilitando assim com que os alunos olhem de um modo crítico para o passado e o presente.

A fotografia tornou-se um dos principais expedientes para experimentar alguma coisa, para dar uma aparência de participação [...] Numa atividade fácil, formadora de um hábito, ela oferece tanto participação quanto alienação em nossa própria vida e na dos outros permitindo-nos participar, ao mesmo tempo que confirmamos a alienação. (SONTAG, 2004, p. 21 e 184)

A fotografia como suporte didático possibilita um trabalho interdisciplinar, integrando todos os conteúdos, fazendo com que o aluno interaja com aquilo que lhe é oferecido, através do recurso visual e da sua interpretação, tornando-se sujeito participativo.

“Cartier-Bresson comparou-se a um arqueiro zen, que tem de transformar-se no alvo para ser capaz de atingí-lo; “pensar é algo que tem de ser feito antes e

depois”, diz ele, “nunca durante o processo de tirar uma foto”. (SONTAG, 2004, p. 132).

Por isso, ao se usar a fotografia como tal suporte, deve-se seguir a uma sequência de atividades bem fundamentadas, articulando situações de apreciação, contextualização e produto, o tripé do ensino de arte estabelecido pelos Parâmetros Curriculares Nacionais. “Fotografar é colocar na mesma linha de mira a cabeça, olho e o coração”, assim definiu o francês Henri Cartier-Bresson (1908-2004), um dos profissionais dessa arte mais célebres do século XX.

A arte transforma o ser humano e o leva a ser flexível, pois criar e conhecer são indissociáveis e a flexibilidade e condição fundamental para aprender.

No documento dos PCNs (1997) esta é uma ideia clara:

O aluno poderá compreender a realidade dos valores que estão enraizados nos seus modos de pensar e agir, que pode criar um campo de sentido para a valorização do que lhe é próprio e favorecer abertura a riqueza e a diversidade da imaginação humana. Além disso, torna-se capaz de perceber sua realidade cotidiana mais vivamente, reconhecendo objetos e formas que estão a sua volta, no exercício de uma observação crítica do que existe na sua cultura, podendo criar condições para uma qualidade de vida melhor (PCNs, 1997, p.19).

Nesse sentido, entendemos que a Arte propicia as pessoas momentos únicos de expressão que deverão ser valorizados como experiências, sonhos e possibilidades. Mais uma vez citando os PCNs (1997):

O ser humano que não conhece arte tem uma experiência de aprendizagem limitada, escapa-lhe a dimensão do sonho, da força comunicativa dos objetos a sua volta, da sonoridade instigante da poesia, das criações musicais, das cores e formas dos gestos que buscam o sentido da vida (PCNs, 1997, p.21).

O conhecimento adquirido nos projetos e em oficinas abre perspectivas para que o aluno tenha entendimento maior do mundo no qual a dimensão poética está sempre inserida.

2 – Imagem para ler: Fotografia e Cinema

No dia a dia percebe-se a explosão de imagens que são apresentadas no mundo. Elas acabam sendo responsáveis por boa parte da aprendizagem da população.

Uma das maneiras de participação seria inserir os alunos neste mundo imagético através do estudo da fotografia.

A fotografia tem poderes que nenhum outro sistema de imagem jamais desfrutou porque, à diferença dos anteriores, ela não é dependente de um criador de imagens. Por mais cuidadosamente que o fotógrafo intervenha para preparar e orientar o processo de criação de imagem, o próprio processo permanece como um processo óptico-químico (ou eletrônico), cujas operações são automáticas, cujos mecanismos serão inevitavelmente modificados a fim de proporcionar mapas do real ainda mais detalhados e, por conseguinte, mais úteis. (SONTAG, 2004, p. 174)

Segundo dados da França, as imagens são responsáveis por 82% da aprendizagem informal. Mas nem todos estão preparados para fazer sua leitura. É necessário alfabetizar para tal, associando o presente e o passado.

Ver é muito complicado. Isso é estranho porque os olhos, de todos os órgãos dos sentidos, são de mais fácil compreensão científica. A sua física é idêntica à física óptica de uma máquina fotográfica: o objeto do lado de fora aparece refletido do lado de dentro.

Mas existe algo na visão que não pertence à física [...] O ato de ver não pertence à física. Precisa ser apreendido. (ALVES, 2005, p.22 a 23).

Partindo da Abordagem Triangular (BARBOSA, 1996), no Ensino de Arte, a leitura de uma obra de arte deve envolver o educando, despertando seu senso crítico. “A metodologia de análise é de escolha do professor, o notável é que as obras de arte sejam analisadas para que se aprenda a ler a imagem e avaliá-la, esta leitura é enriquecida pela informação histórica. (BARBOSA, 1999, p.67).

De acordo com os PCN,s (1998, p.67):

Reconhecimento da variedade de significados expressivos, comunicativos e de valor simbólico nas formas visuais e suas conexões temporais, geográficas e culturais. Conhecimento e competência de leitura das formas visuais em diversos meios de comunicação da imagem: fotografia, cartaz, televisão, vídeo, histórias em quadrinhos, telas de computador, publicações, publicidade, design, desenho animado etc. Discussão, reflexão e comunicação sobre o trabalho de apreciação das imagens por

meio de fala, escrita ou registros (gráfico, sonoro, dramático, videográfico etc.), mobilizando a troca de informações com os colegas e outros jovens.

2.1 - Fotografia

A fotografia representa cenas do mundo tridimensional em bidimensional.

O formato das imagens que enxergamos é diferente do das imagens produzidas pela câmara. Nossos olhos mapeiam as cenas com pequenos e velozes movimentos, construindo uma imagem em movimento, em um grande campo visual sem bordas ou fronteiras definidas. A câmara fotográfica, por sua vez, estabelece uma janela para a entrada da imagem a fim de capturá-la e torná-la estática. Essa janela delimita o que será visto. Dessa maneira, podemos dizer que toda foto é uma escolha, não só do que desejamos mostrar, mas também daquilo que desejamos excluir. (COELHO, AZEVEDO, BAPTISTA, 2009, p.20).

O homem sempre sentiu grande necessidade de expressar suas ações, seus sentimentos. E isto vem sendo feito ao longo dos anos através de registros. Na Pré-História representava em paredes de grutas, cenas do seu dia a dia, como dança e caça. Com o passar do tempo, e com o desenvolvimento das civilizações, essas cenas passaram a ser registradas em desenhos e pinturas (algumas, no Renascimento, tão detalhadas que se assemelhavam à uma fotografia).

Mais tarde surge a fotografia com a intenção de retratar a realidade.

Alguns teóricos associam a invenção da fotografia em 1839 a acumulação de experiência pictórica desse período, marcada pela transição de uma metodologia sintética para uma metodologia analítica: de uma pintura “feita de pequenos pedaços” (Picture made up of bits, nas palavras de Turner) derivará a pintura de “pedaços” (Picture of bits).” (FLORES, 2011, p.58)

Hoje em dia encontra-se registros das civilizações em museus, como coleções de obras de arte que permitem ajudar a entender a história presente e passada.

Falando sobre a fotografia, foi o francês Joseph Nicéphore Niépce, químico e físico, em 1826, quem conseguiu fixar pela primeira vez uma imagem formada pela ação da luz. Para este experimento usou betume da Judéia, uma substância escura que se endurecia na presença de luz.

Mas a descoberta da fotografia deu-se mesmo antes de Cristo, quando pesquisadores criaram a câmara escura, que possuía um pequeno orifício por

onde entrava um feixe de luz que projetava as imagens do lado de fora, invertidas e revertidas lateralmente. Fato esse que se deve a propagação da luz em linha reta. A imagem obtida por esta câmera era desfocada.

Durante o Renascimento, acrescentou-se lente ao seu orifício e espelhos, melhorando a imagem e corrigindo sua inversão. Com o crescente uso deste dispositivo, surgiu o interesse pelos químicos em achar uma solução que impedisse que as imagens projetadas não se perdessem na presença de luz.

Essa solução veio mais tarde, em 1839, com William Henry Fox-Talbot, após o aperfeiçoamento das técnicas anteriores, projetando e registrando sombras de objetos sobre papel sensibilizando com sais de prata. Talbot é também o criador do processo que possibilitou a reprodução de imagens a partir de uma matriz. Graças a esse processo houve grande divulgação das imagens fotográficas.

Enquanto os fatos citados aconteciam na Europa, aqui no Brasil na Vila de São Carlos (SP), em 1833, o francês Hércules Florence já havia usado pela primeira vez a palavra “photografie”, mas estando longe dos grandes centros culturais, só obteve esse reconhecimento em 1970.

Quem teve o mérito foram os franceses com o daguerreotipo de Daguerre em 1839, que para os pintores se tornou um recurso técnico.

No século XIX, George Eastman, em 1888 lançou a primeira câmera Kodak. O filme vinha dentro da câmera protegido do sol. Assim que as fotos eram tiradas, enviava-se a câmera para o laboratório do fabricante para as fotos serem reveladas.

A Kodak possibilitou o surgimento de inúmeros fotógrafos amadores devido a simplicidade de seu uso. As câmeras saíram dos estúdios e foram para fora registrar cenas e acontecimentos nos mais diversos locais. Porém, o resultado final da foto passava por um processo demorado e nem sempre este resultado era o esperado.

Surgiu então uma câmera que revelava e imprimia as fotos em segundos, a Polaroid (norte americana). Devido à baixa qualidade da imagem e o alto custo dos equipamentos, seu uso não se manteve. Somente na década de 1990, com a chegada das câmeras digitais houve uma revolução no processo da fotografia: não se usava mais filmes e sim sensores eletrônicos e a imagem era armazenada por sensores (chip).

No século XXI as câmeras fotográficas estão também nos telefones celulares e nos computadores. As imagens ganharam maior capacidade de definição, rapidez e facilidade de acompanhar o homem a todos os lugares.

Segundo Walter Benjamin (1985, p.171): “a obra de arte reproduzida é cada vez mais a reprodução de uma obra de arte criada para ser reproduzida.”

2.2 – Olhar fotográfico

Já se disse que o “analfabeto do futuro não será quem não sabe escrever, e sim quem não sabe fotografar”. Mas um fotógrafo que não sabe ler suas próprias imagens não é pior que um analfabeto.” (BENJAMIN, 1985, p. 115).

As fotografias podem tornar-se um recurso didático de alta eficiência.

Apesar de ser proibido o uso de aparelhos celulares nas escolas, pode-se optar por sua utilização de forma restrita e direcionada, aproveitando-se deste recurso tecnológico e da curiosidade e prazer dos alunos para com este equipamento, proporcionando aulas atrativas e produtivas.

Segundo pesquisa do IBGE (Instituto Brasileiro Geografia e Estatística) realizada em 2008, concluiu-se que, em Minas Gerais, a quantidade de pessoas com 10 anos de idade ou mais, que possuíam um aparelho celular para uso pessoal era de 55,2%.

O uso de novas tecnologias possibilita aos alunos desenvolver sua capacidade de pensar e fazer Arte contemporaneamente, representando um importante componente na vida dos alunos e professores, na medida

em que abre o leque de possibilidades para seu conhecimento e expressão. (PIMENTEL, 2007, p. 120).

Percebe-se, analisando o uso do telefone celular pelos jovens, uma situação preocupante: são super competentes para enviar torpedos, tirar fotos, baixar aplicativos de jogos e músicas, mas sabem pouquíssimo sobre a técnica de produção dos possíveis vídeos e sons.

Por ser a fotografia digital praticamente instantânea, isto é, a imagem tirada pode ser vista na hora, permite muita interatividade e dinamismo por parte dos alunos, além de um imediato feedback do que foi proposto, diferente da escultura, pintura, entre outras.

O ato de fotografar e a fotografia em si envolvem os três pontos fundamentais no Ensino de Arte, de acordo com BARBOSA (1996) que é a contextualização, apreciação e produção.

Durante apreciação e análises de imagens feitas por alguns fotógrafos profissionais e amadores, deve-se mostrar as características da fotografia, tais como: luz, foco, movimento, plano, textura, ângulo, perspectiva e composição.

Através da visualização das imagens e intervenção do professor, os alunos poderão avaliar os efeitos quando esses elementos são conhecidos ou não pelo autor.

Será apresentada a vida e obras de dois grandes fotógrafos do século XX: do francês Henri Cartier – Bresson (1908-2004), que fotografa o “Momento Decisivo” e do brasileiro Sebastião Salgado (1944), que usa a fotografia como denuncia da pobreza e violência, guerra, fome.

Será trabalhado com os alunos os elementos que se destacam na linguagem visual de cada artista citado e um debate sobre conclusões obtidas. Com o olhar mais afinado, a turma será convidada a fotografar a escola que possui uma área verde bastante diversificada.

O fazer artístico, a história da arte e análise da obra de arte é uma proposta que está se organizando, de maneira que o educando através de sua necessidade, de seu interesse e de seu desenvolvimento está sendo respeitado e ao mesmo tempo, está sendo respeitada a matéria a serem aprendidas, com seus respectivos valores, estruturas e contribuições para a cultura. (BARBOSA, 1991, p.54).

A experiência da fotografia no ensino de Artes Visuais instiga o aluno a ter um olhar mais atento ao enquadramento, à estética e a composição como também a ter sensibilidade para a escolha de uma imagem que determine um melhor resultado de acordo com seu objetivo. E além dessa experiência, o aluno pode pesquisar como a fotografia evoluiu desde seus primórdios e conhecer técnicas para a sua prática.

Através da fotografia o aluno pode perceber elementos que anteriormente passariam despercebidos aos seus olhos e / ou consciência. Desenvolve-se a percepção fotográfica e espacial dos alunos ao propor uma técnica diferente de obtenção de imagem tendo como consequência a própria relação do aluno com o ato. O aluno escolhe uma imagem, a fixa num certo instante e depois a visualiza e analisa.

Fotografia é também um meio de comunicação e informação, pois a linguagem visual fotográfica não é determinada por uma língua padrão, basta interpretação. Entretanto, a fotografia até hoje é pouco utilizada em sua total potencialidade no meio acadêmico, muitas vezes por desconhecimento de sua riqueza como expressão artística.

A natureza que fala a câmara não é a mesma que fala ao olhar; é outra, especialmente porque substitui um espaço preenchido pela ação consciente do homem por um espaço que ele preenche agindo inconscientemente. (BENJAMIM, 1985, p.100)

2.3 – Fotografia x Cinema

Até o século XIX, não havia sido possível registrar o movimento da imagem, apesar das várias tentativas. E foi a fotografia que acabou mostrando esse caminho.

O olho humano conseguiu registrar no máximo doze imagens por segundo. O segredo então era bater mais de doze fotografias por segundo e depois projetá-las em sequência, a uma velocidade ainda maior. Assim, o cérebro humano interpretaria como movimento.

A história do cinema conta com vários pesquisadores. Destaca-se os franceses Louis e Auguste Lumière, irmãos, responsáveis pela primeira exibição pública desta nova arte com o filme “Chegada de um trem a La Ciotat,” em Paris, no ano de 1895.³

O cinematógrafo, primeira câmera de filmar, foi inventado por León Bouly em 1892, mas foram os irmãos Lumiere que tiveram sua patente registrada em 1895.⁴ Foi o inglês Eadweard J. Muybridge, fotógrafo e pioneiro no estudo do movimento quem desenvolveu o zoopraxiscópio, dispositivo circular que apresentava em sequência até no máximo 24 imagens por segundo, que ao girar dava a impressão de movimento.⁵

Esta foi a base para o cinema como o conhecemos atualmente. As imagens são registradas em série por uma câmera especial e depois projetadas tão rapidamente que se tem a sensação de movimento.

Foi o francês Georges Méliès quem criou os primeiros efeitos especiais em filmes. Em 1902 fez o primeiro filme de ficção científica “Viagem a Lua”.⁶

No início o cinema era mudo, havendo uma projeção sincronizada entre imagem e som. Apenas no final da década de 1920 surgiram os primeiros filmes que mostravam cenas do dia a dia das pessoas tal qual um documentário. Quando algo precisava ser dito a imagem era interrompida e mostrava-se um texto.⁷

³ Disponível em: <<http://www.chambel.net/?p=92>>. Acesso em 2013-08-24

⁴ Disponível em: <<http://www.chambel.net/?p=92>>. Acesso em 2013-08-24

⁵ Disponível em: <<http://www.tvsinopse.kinghost.net/ebock/cinema02.htm>>. Acesso em 2013-08-24

⁶ Disponível em: <<http://www.chambel.net/?p=92>>. Acesso em 2013-08-24

⁷ Disponível em: <<http://www.chambel.net/?p=92>>. Acesso em 2013-08-24

A cor aparece no cinema na mesma época em que apareceu nos filmes fotográficos comerciais, em 1930.⁸

O cinema de animação, onde se utilizavam desenhos no lugar de fotos, surgiu quase ao mesmo tempo em que o cinema. Walt Disney foi o criador do primeiro desenho animado de longa duração, “Branca de neve e os Sete Anões”, apresentado nos cinemas em 1937. “(...) Walt improvisava, quase sempre desenhando com um pedaço de carvão em papel higiênico. Era tudo o que precisava para passar uma hora livre, esboçando os mansos animais da fazenda, que considerava seus únicos verdadeiros amigos”, afirma Eliot (1995, p.27).

O desenho animado de longa-metragem Branca de Neve e os sete anões de Walt Disney, (1937), ofuscou de tal modo outras versões da história que é fácil esquecer que o conto está amplamente dissimulado em diversas culturas [...] Embora seja muitas vezes mostrado no alto de uma montanha, esse ataúde também pode descer um rio ao sabor da corrente, ou ser posto sobre uma árvore pendurado nos caibros ou trancado num cômodo e cercado com velas. (TATAR, 2004, p. 84)

São necessários vinte e quatro desenhos com pouquíssimas modificações para se produzir um segundo de animação. Além de desenhos, as cenas de animação podem utilizar-se de outros recursos como dobraduras, massa de modelar, areia, computador, entre outros.

A fotografia pode contribuir além de meio de expressão, para o aperfeiçoamento das filmagens, possibilitando o estudo dos enquadramentos, espaços, luz, profundidade, cor.

Agora que já é possível compreender um pouco da relação entre a fotografia e o cinema, será passado aos alunos o filme de animação “A Noiva Cadáver”, do produtor Tim Burton, um dos cineastas mais criativos da atualidade. O fascínio exercido pelo roteiro é complementado pela animação gótica, feita na tradicional técnica stop motion, (quadro a quadro). Em inglês, algo como movimento parado, em alusão as fotografias estáticas que, colocadas em sequência, dão a impressão

⁸ Disponível em: <<http://www.chambel.net/?p=92>> Acesso em 2013-08-24

de estarem se mexendo. Essa técnica usada por Tim Burton na animação citada demorou nada menos do que dez anos para ser desenvolvida como ele queria.

Dentre os filmes de Tim Burton destaca-se *Eduard Mãos de Tesoura* e *O Estranho Mundo de Jack*, dentre outros. O recurso do stop motion permite que qualquer pessoa com máquina fotográfica, telefones celulares, computadores e programa de edição (Movie Maker, que vem no Windows) construa seu próprio filme. Pretende-se assim mudar a relação dos alunos com a mídia, usufruindo das mesmas ferramentas que já possuem para pesquisas de cinema e vídeo.

No mundo de hoje, com tanta tecnologia expondo inúmeras manifestações visuais, a escola, nas aulas de Artes Visuais deve trabalhar a educação para o aluno saber ver, perceber e atuar como cidadão crítico.

As artes visuais, além das formas tradicionais — pintura, escultura, desenho, gravura, arquitetura, objetos, cerâmica, cestaria, entalhe—, incluem outras modalidades que resultam dos avanços tecnológicos e transformações estéticas do século XX: fotografia, moda, artes gráficas, cinema, televisão, vídeo, computação, performance, holografia, desenho industrial, arte em computador. Cada uma dessas modalidades artísticas tem a sua particularidade e é utilizada em várias possibilidades de combinações entre elas, por intermédio das quais os alunos podem expressar-se e comunicar-se entre si e com outras pessoas de diferentes maneiras. (PCN, 1998).

2.4 – A Metodologia

Será trabalhado com os alunos os elementos que se destacam na linguagem visual de cada artista citado e um debate sobre conclusões obtidas. Com o olhar mais afinado, a turma será convidada a fotografar a escola que possui uma área verde bastante diversificada.

O fazer artístico, a história da arte e análise da obra de arte é uma proposta que está se organizando, de maneira que o educando através de sua necessidade, de seu interesse e de seu desenvolvimento está sendo respeitado e ao mesmo tempo, está sendo respeitada à matéria a serem aprendidas, com seus respectivos valores, estruturas e contribuições para a cultura. (BARBOSA, 1991, p.54).

A metodologia aplicada teve como tema a Fotografia, direcionada aos alunos do 1º ano do ensino médio.

Dentre os objetivos a serem alcançados, destacam-se: aprender a ler imagens e fotografias, com criatividade; discutir criticamente as transformações ocorridas na cultura humana através da fotografia digital; conhecer a produção de fotógrafos modernos e contemporâneos, reconhecendo e valorizando a fotografia e cinema; produzir imagens através de fotografias onde apareça a organização consciente dos elementos visuais no enquadramento.

Para se alcançar os objetivos propostos, estudou-se os seguintes conteúdos: breve histórico da fotografia; os principais elementos da linguagem fotográfica; a regra dos terços; trabalhos dos artistas Henri Cartier-Bresson e Sebastião Salgado e a relação entre cinema e fotografia.

Na primeira aula, uma conversa com os alunos sobre a ideia de trabalhar com o uso de aparelhos celulares exclusivamente para fotografias.

Embora todos os alunos soubessem o que é uma fotografia e já terem visto várias ao longo de suas vidas, foi esclarecido que a intenção das aulas seria fazê-los conhecer alguns princípios básicos da composição visual aplicados à fotografia e suas origens, para depois partir para o ato de fotografar.

Foi contado à turma um breve histórico da fotografia. Ao longo desta história foram surgindo várias questões como: Será que as pessoas ficaram fascinadas por esta nova descoberta? O que era fotografado, e por quem? E hoje, como o jovem faz uso das fotografias em redes sociais? Toda fotografia é uma representação fiel da realidade?

Houve assim um debate.

Foram distribuídas cópias sobre a história da fotografia aos alunos.

Na segunda e terceira aulas, usando do recurso do data show e do computador, através de imagens, foram apresentados e explicados aos alunos os principais elementos da linguagem fotográfica (planos ou enquadramentos, foco,

movimento, forma, ângulo, cor, textura, iluminação, aberrações ou deformações, perspectiva, composição e equilíbrio).

Com relação ao espaço a ser fotografado, foi passado aos alunos uma regra bem simples, conhecida como “regra dos terços”. Para exemplificá-la utilizei fotos no data show, traçadas com “linhas imaginárias”.

Os alunos perceberam que através desta regra, os elementos mais importantes estavam dispostos próximos às interseções das linhas, horizontais e verticais, que faz com que nossa atenção se dirija justamente para esses pontos.

Foi solicitado aos alunos, para a próxima aula uma pesquisa sobre a vida e obras dos fotógrafos Henri Cartier-Bresson e de Sebastião Salgado (Figura 1).



Na quarta aula cada aluno expôs o que lhes chamou mais atenção na pesquisa feita sobre os dois fotógrafos.

Através do data show, foram passadas imagens de algumas fotografias de Henri Cartier-Bresson e de Sebastião Salgado. Em cada imagem, uma pausa para apreciação e também para visualizar os elementos da linguagem fotográfica.

Ao final houve um debate sobre as obras analisadas

Na quinta e sexta aulas houve uma breve fala sobre a relação entre cinema e fotografia, o que para muitos foi novidade.

Em seguida foi passado o filme de animação, A Noiva Cadáver do diretor Tim Burton, um dos mestres das artes plásticas que usa luz e sombra como recurso expressivo.

Ao final do filme, houve um debate sobre o mesmo.

Foi falado aos alunos sobre a técnica que Tim Burton usou na animação, a técnica do stop motion.⁹ Tal técnica permite que os alunos, através mesmo de seus aparelhos celulares, construam seu próprio filme.

⁹ Stop Motion (que poderia ser traduzido como "movimento parado") é uma técnica que utiliza a disposição sequencial de fotografias diferentes de um mesmo objeto inanimado para simular o seu movimento. Estas fotografias são chamadas de quadros e normalmente são tiradas de um mesmo ponto, com o objeto sofrendo uma leve mudança de lugar, afinal é isso que dá a ideia de movimento.



Figura 2: Foto de cena do filme A Noiva Cadáver.
Tirada por Heloisa



Figura 3: Foto dos alunos durante o filme. Tirada por Heloisa.

Na sétima aula, partindo dos conceitos e aprendizagens adquiridos e de novas descobertas, os alunos saíram da sala de aula para fotografarem a área verde da escola.

A turma foi dividida em 5 grupos, onde cada componente do grupo escolheu o que fotografar.

Depois o grupo reuniu-se para escolher quais imagens seriam reveladas ou impressas.



Figura 4: Foto dos alunos fotografando a área verde da escola. Tirada por Heloisa.



Figura 5: Foto dos alunos escolhendo as melhores imagens. Tirada por Heloisa.

Na oitava aula levou-se em conta a boa aplicação dos elementos da linguagem fotográfica estudados em cada fotografia.

Ao final pode-se utilizar de alguns recursos dos aparelhos celulares e/ou câmeras digitais para dar um “retoque final”, para obter um melhor resultado.



Figura 6: Foto da área verde da escola. Tirada pela aluna Ana Luíza Rezende.



Figura 7: Foto da área verde da escola. Tirada pelo aluno Marcel Gonçalves.



Figura 8: Foto da área verde da escola. Tirada pela aluna Camila Carvalho.



Figura 9: Foto da área verde da escola. Tirada por Rafael Caixeta.

Foi montado um painel com as fotografias escolhidas na nona aula.

Os alunos convidaram professores e alunos para apreciação das mesmas.

Durante a exposição, os alunos contam o que foi aprendido e descoberto sobre fotografia.



Figura 10: Foto da exposição fotográfica. Tirada por Heloisa.



Figura 11: Foto dos alunos apreciando as fotografias. Tirada por Heloisa.



Figura 12: Foto dos alunos apreciação

fotográfica. Tirada por Heloisa.



Figura 13: Foto do painel fotográfico. Tirada por Heloisa.

A avaliação foi feita durante todas as aulas e principalmente na exposição fotográfica.

Capítulo 3 – Possibilidades da fotografia

As novas tecnologias, associadas às experimentações nos processos de criação, abrem novos campos de ação. A experiência através do uso de aparelhos celulares como recurso tecnológico na área do Ensino de Artes Visuais conseguiu contemplar os três pontos fundamentais propostos por Ana Mae Barbosa (1996) que é “produzir, apreciar e contextualizar”. (PCN – Arte II, p.49)

As imagens tomaram conta do mundo. Ela está em todo lugar. E nesse mundo tão cheio de imagens, o homem precisa entendê-las para tornar-se participativo, conhecedor daquilo que os cerca.

Apesar da falta de recursos materiais na maioria das escolas públicas, o professor pode ser agente transformador através de uma metodologia inovadora, utilizando de forma objetiva dos possíveis recursos oferecidos. Cabe a ele inserir o aluno na era digital. Utilizar dos recursos da fotografia é um caminho produtivo.

No Brasil, o processo de introdução das novas tecnologias da informação e da comunicação na educação caminha a passos mais lentos, esbarrando em deficiências básicas na infraestrutura, como a baixa velocidade das conexões de internet, e a falta de capacitação de professores para trabalhar de forma efetiva com a tecnologia no processo pedagógico. Apesar de todos os entraves, as novas tecnologias estão chegando. A partir de 2015, por exemplo, os professores do Ensino Médio na rede pública poderão optar pela adoção de livros digitais em seus cursos, no lugar das tradicionais obras impressas, que seriam acessados por meio de tablets e computadores. (MEIRA, 2013, Tecnologia, p.55).

A fotografia está presente nos meios de comunicação instantâneos no mundo contemporâneo, nas diferentes mídias, principalmente nas redes sociais.

Quando a metodologia se volta para o cotidiano do aluno, este se mostra prazeroso em se envolver, levando-o a refletir sobre a importância do meio em que está inserido, tornando-o sujeito crítico.

O que é ainda muito frequente hoje em dia são professores de artes visuais, que, além de não terem formação na área, desconhecem os recursos tecnológicos oferecidos. Assim, despreparados e com medo do desconhecido continuam com

as antigas concepções sobre ensinar e aprender. Os recursos tecnológicos sozinhos não conseguem mudar a educação. Professores e escolas tem que saber utilizá-los e para isto precisam estar preparados.

Tecnologias sem fio, conteúdos digitais adaptados ao currículo brasileiro e uso pedagógico das redes sociais são as tendências apontadas por Alexandre Barbosa, gerente do Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e Comunicação, departamento do Comitê Gestor da Internet no Brasil responsável pela elaboração e publicação de pesquisas sobre a disponibilidade e uso da internet no Brasil. Uma delas é medir a TIC Educação, cujo objetivo é medir a nível de infraestrutura tecnológica presente nas escolas brasileiras e o uso que é feito dela. Na pesquisa de 2012 constatamos um avanço muito rápido das tecnologias sem fio”, conta. (BARBOSA, 2013, p.55-56)

Através da experiência vivenciada, procurou-se estimular nos alunos o senso artístico, estético e participativo.

O ato de ver não é coisa natural. Precisa ser aprendido. Nietzsche sabia disso e afirmou que a primeira tarefa da educação era ensinar a ver. O zen-budismo concorda, e toda sua espiritualidade é uma busca da experiência chamada satori, a abertura do “terceiro olho”. Não sei se Cummings se inspirava no zen-budismo, mas o fato é que escreveu: “Agora os ouvidos dos meus ouvidos acordaram e agora os olhos dos meus olhos se abriram”... (ALVES, 2005, p.23)

Pode-se perceber que, o ato de fotografar aproxima os alunos, havendo trocas de conhecimento e de experiências.

Os trabalhos de fotografar foram realizados em grupos. Cada aluno fotografou o que mais achou interessante, pertinente ao seu olhar.

Enquanto fotografavam, os alunos discutiam como aproveitar melhor o uso dos elementos da linguagem fotográfica. Trabalhavam observando bastante efeitos de luz e sombra, experimentando várias possibilidades de interpretação de imagens.

É surpreendente a sensibilidade da maioria dos alunos na arte de fotografar.

Através da fotografia os alunos passaram também a conhecer melhor a escola em que estão inseridos, pois fotografaram a área verde da escola que é vasta.

Na etapa final os alunos escolheram quais as melhores imagens para serem reveladas ou impressas.

Com as imagens já revaladas, montou-se um painel, onde professores e alunos puderam fazer sua apreciação, além de ouvirem curiosidades sobre a fotografia.

Trabalhar fotografia relaciona momentos, bons ou agradáveis, pessoais ou históricos.

O aluno começa a desenvolver a habilidade de ver, ler e interpretar ideias.

“A comunicação é um campo de trocas, interações, que permitem perceber-nos, expressar-nos, e relacionar-nos com os outros, ensinar e aprender”. (MORIN, 2000: 9)

Durante a história da fotografia apresentada, alguns alunos disseram não saber o que é revelar um filme. Com o avanço tecnológico acontecendo tão rapidamente, as gerações atuais desconhecem muita “novidade” de alguns anos atrás. Outro fato interessante foi os alunos enxergarem que a fotografia vai além de uma imagem fixada no papel, ela passa uma mensagem embutida ali, seja política, subjetiva, entre outras.

Durante as apreciações e análises de obras dos fotógrafos Henri Cartier- Bresson e de Sebastião Salgado, pode-se perceber o impacto que a fotografia teve, sobretudo no século XX, com o fotojornalismo e com a fotografia como instrumento de denúncia social.

Surgiu também a questão porque estes fotógrafos trabalham em preto e branco.

Na versão de Cartier – Bresson do persistente mito segundo o qual – após a invenção da câmera – ocorreu uma divisão de territórios entre a fotografia e a pintura, a cor pertence à pintura. Ele recomenda aos fotógrafos que resistam à tentação e mantenham a sua parte do pacto. (SONTAG, 2004, p.145)

Para Sebastião Salgado, o trabalho em preto e branco mostra melhor o sentimento de fotografia.

O filme A Noiva Cadáver teve grande aceitação pelos alunos, principalmente pelo seu diretor ser Tim Burton, o que a maioria dos adolescentes conhece e “curte” os trabalhos. Os alunos mostraram-se curiosos com a técnica de animação utilizada no filme, Stop Motion. Ficaram motivados, principalmente ao saberem que esta técnica é possível até mesmo com seus aparelhos celulares.

O Joe me deu uma ideia no tempo do filme Estranho Mundo de Jack “se lembra Burton, que estava procurando fazer um outro projeto em Stop Motion” e este era minimalista, não haviam personagens que eu me lembre, exceto a própria noiva cadáver. Era uma história curta, e mesmo que tivesse um roteiro curto, ela me chamou a atenção e me pareceu apropriada para este tipo de técnica de animação. (SALISBURY, 2005, p.11)

Com o trabalho pedagógico realizado pode-se constatar que atividade com imagens fotográficas no ensino médio é muito satisfatória, indo desde a história da fotografia até chegar ao ato de fotografar.

Brinquedo para ser brinquedo, tem de ser um desafio. Brinquedo é um objeto que, olhando para mim, me diz: “Veja se você pode comigo!” O brinquedo me põe a prova. Testas as minhas habilidades. Qual é a graça de amar um quebra-cabeça de vinte e quatro peças? Pode ser desafio para uma criança de três anos, mas não para mim. Já um quebra-cabeça de quinhentas peças é um desafio. Quero juntar as peças! E, para isso, sou capaz de gastar meus olhos, meu tempo, minha inteligência, meu sono... (ALVES, 2005, p. 61-62)

Os alunos devem ser instigados a pensar, a fazer, a sentir prazer. Deste modo o conhecimento vai fluir naturalmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo demonstrou que, aparelhos celulares em escolas públicas, através do recurso da fotografia, podem ser oferecidos como ferramenta no Ensino de Artes Visuais, despertando no aluno a curiosidade, a sensibilidade e o prazer em fazer expressando-se.

O conceito de Arte, ainda visto por muitos como matéria de lazer, deve-se ao fato de alguns professores não terem formação na área e também por adotarem antigos métodos e metodologias, resultando em desinteresse por parte dos alunos.

Esse conceito pode ser mudado, e cabe ao professor boa parte dessa transformação. Para isso é necessário novas abordagens.

Segundo Ana Mae Barbosa (1996), o aluno deve passar pela fase do fruir, do fazer e do contextualizar e a fotografia é um dos meios para se chegar a esses objetivos.

A fotografia está presente no nosso dia a dia, principalmente nas redes sociais. Trabalhar com coisas do cotidiano, desperta no aluno o seu interesse, partindo para um trabalho onde ele passa a ser agente participativo, portanto, crítico.

O sucesso deste recurso didático pôde ser comprovado através do trabalho realizado com os alunos do 1º ano do Ensino Médio da Rede Estadual. A sala trabalhou em grupos, oferecendo assim a todos os alunos contato com aparelhos celulares.

Com essa simples inovação metodológica, que busca um olhar crítico, através de uma linguagem contemporânea, planejada e orientada pelo professor, os alunos mostraram-se muito receptivos às atividades e objetivos propostos.

Através da fotografia, desde sua história até sua produção, e de leitura de imagens, inclusive de alguns mestres das artes plásticas, os alunos tiveram a possibilidade de desenvolvimento artístico, cultural, cognitivo e tecnológico.

Os aparelhos celulares, tão presentes hoje nas escolas, podem deixar de ser apenas um motivo de interrupções de aulas e se tornar um material didático que ajude a inserir o aluno, tão limitado culturalmente, num mundo globalizado, muitas vezes distante de sua realidade.

Neste contexto o conceito educar converte para ensinar a olhar.

Para um próximo trabalho de fotografia, pretende-se propiciar uma análise das artes visuais, no campo de estudos de luz e sombra, bem como composição e enquadramento nas obras de dois mestres das artes plásticas, Rembrandt e Goya.

As câmeras fotográficas também irão além dos muros da escola, onde cada aluno terá a oportunidade de mostrar e de entender a realidade em que vive.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. *Educação dos Sentidos e Mais...* 9ª edição, Rio de Janeiro/São Paulo: Verus, 2005.
- BARBOSA, Ana Mae. *Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte*. 7ª edição, São Paulo: Cortez, 2012.
- BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da Arte*. 4ª edição, São Paulo: Perspectiva, 2001.
- BRASIL SECRETARIA DE EDUCAÇÃO ENSINO MÉDIO. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte*, Brasília: MEC/SEF, 1977.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. 8ª edição, São Paulo: Brasiliense Ltda, 1985.
- CHAMBEL, Rui. História do Cinema. Disponível em: <http://www.chambel.net/?p=92>. Acesso em 2013-08-24.
- COELHO, Luís Moraes; AZEVEDO, Patrícia; BAPTISTA, Paulo. *Fotografia e Tecnologias Contemporâneas*, 2009.
- FERREIRA, Aurora. *Arte, tecnologia e educação: as relações com a criatividade*. São Paulo: ANNABLLUME, 2008.
- FLORES, Laura González. *Fotografia e Pintura: dois meios diferentes?* Tradução Danilo Vilela Bandeira. 1ª edição, São Paulo: WMF Martins Fontes Ltda, 2011.
- FUSARI, Maria Heloisa C. de T.; FERRAZ, Maria Felisminda de R. *Metodologia do ensino da arte*. São Paulo: Cortez, 2ª edição, 1999.
- HUYSSSEN, Andreas. *Memórias do Modernismo*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- MORAN, José Manuel. *Mudanças na comunicação pessoal, social e tecnológica*. São Paulo: Paulinas, 1998 (Col. Comunicação e estudos).
- MORIN, Edgar. *Complexidade e Transdisciplinaridade: a reforma da universidade e do Ensino Fundamental*. Natal, EDUFRN- Editora da UFRN, 2000.
- OS PRIMÓRDIOS DO CINEMA MUDO. Disponível em: <http://www.tvsinopse.kinghost.net/ebock/cinema02.htm>.
- PIMENTEL, Lúcia Gouvêa. *Tecnologias Contemporâneas e o ensino da Arte*. In: BARBOSA, A. M.(org). *Inquietações e mudanças no ensino da Arte*. São Paulo: Cortez, 2007.
- REVISTA CARTA NA ESCOLA. *Atualidades em sala de aula*. São Paulo: Confiança, nº 80, outubro de 2013.
- SALISBURY, M.Burton on Burton. UK: Faber and Faber Limited, 2006.

SONTAG, Susan. *Sobre fotografia*. Tradução Rubens Figueiredo. 7ª reimpressão, São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

REVISTA NOVA ESCOLA. Relação entre fotografia e cinema. Disponível em: <http://www.revistaescola.abril.com.br/.../plano-de-aula-artes-fotografia-cinema-713169.shtml>. Acesso em 2013-08-24.